

A TRADUÇÃO NAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: A POSIÇÃO DE MIA COUTO

MARIA DAS GRAÇAS DE CASTRO NOGUEIRA*

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas.

E

Resumo

Este estudo tem como objetivo tratar do ato tradutório em **Terra sonâmbula** e analisar as estratégias a que o escritor de literatura africana de língua portuguesa, Mia Couto recorreu para reescrever a realidade da língua portuguesa. Considera-se a mudança de posição da língua portuguesa, língua colonial para a língua de Moçambique por meio do processo tradutório no contexto social e cultural do povo. O estudo considera igualmente os discursos de alguns teóricos da tradução por apresentarem recursos idênticos aos usados pelo autor para transpor as línguas bantu no sistema da língua portuguesa.

Palavras-chave: Literatura moçambicana; Mia Couto; **Terra sonâmbula**; Teoria da tradução; Oralidade.

A literatura africana escrita não se apresenta como uma antiga tradição, além de a atividade da tradução só ter se iniciado no século XIX, com a chegada dos missionários cristãos, e do alfabeto latino (DE LISLE; WOODSWORTH, 1998, p.104-105). As traduções ajudaram a promover a cultura da literatura escrita, porém não afastaram do centro as raízes da literatura africana de tradição oral. O ato tradutório promoveu o contato entre as línguas europeias e as línguas orais autóctones, além de ter proporcionado um espaço de confronto e encontro do dinamismo linguístico, social e cultural.

Para investigar esse efeito, trechos da obra **Terra sonâmbula** foram analisados. Na referida obra, o escritor demonstra seu interesse pelo homem e por sua riqueza interior, pela natureza e pela terra, temas que o ajudam a captar, para a língua escrita de seu país, o mundo africano de tradição oral, repleto de misticismo, emoções, lutas e esperanças.

É esse forte contato da tradição oral com a escrita que permite tratar neste estudo do ato tradutório como processo em que se constroem as estratégias da tradução usadas para idealizar uma língua portuguesa profundamente africanizada.

Para entender as estratégias empregadas no surgimento da linguagem de Mia Couto, deve-se observar uma série de recursos criativos relacionados com a questão linguística do ato tradutório da língua portuguesa em interação com as línguas nacionais moçambicanas do grupo bantu. O grupo bantu possui aproximadamente 23 línguas, e está ligado a diversos valores culturais étnicos e linguísticos. Nesse contexto, o ato tradutório é relevante e se apresenta em relação ao conceito tradução interlinguística, ou tradução propriamente dita, para designar, segundo Jakobson, a “transposição criativa” dos aspectos formais de uma língua para outra. Este estudo aborda algumas tendências de mudanças relativas ao modelo original, língua portuguesa europeia. O processo tradutório de que se vale Mia Couto não envolve a tradução como “a substituição de material textual numa língua (LF) por material textual equivalente noutra língua (LM)” (CATFORD, 1965, p.22), mas a ideia de o ato tradutório ser uma passagem de uma cultura para outra, respeitando os elementos essenciais de cada uma delas.

Antes de abordar o processo da escrita Coutista, é relevante deter-se em um dos pioneiros trabalhos de definição da tradução. O passo inicial se encontra no artigo “Aspectos linguísticos da tradução” de Roman Jakobson (1995), o qual contribuiu com muitas reflexões sobre os signos verbais para aqueles que se interessam em investigar o processo da tradução. Segundo ele, os signos verbais podem ser interpretados de três modos:

- 1) A tradução intralingual ou reformulação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.
- 2) A tradução interlingual ou tradução propriamente dita consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.
- 3) A tradução inter-semiótica ou transmutação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais. (JAKOBSON 1995, p. 64)

Com base nessas definições, pode-se dizer que Mia Couto recorreu realmente à tradução interlingual para trabalhar a sua linguagem, que apresenta a língua portuguesa adaptada às línguas bantu, ou seja, foi o modo interlingual que usou para introduzir as formas linguísticas orais do cotidiano do povo moçambicano na sua escrita, para, então, enfatizar as normas dessa cultura. Tal procedimento continua conjugado com a ideia de Jakobson de que se deve “traduzir a forma da língua-fonte – neste caso das línguas bantu – na língua-alvo – portuguesa –”, segundo (MILTON, 1998, p. 207), para se obter um texto traduzido. Neste texto coutista, encontra-se uma transposição criativa das expressões moçambicanas de tradição oral por meio dos códigos estéticos de contexto sócio-histórico e cultural das línguas bantu para língua portuguesa. Nesse sentido, a escrita de Mia Couto coloca o leitor diante de um texto com formas e conteúdos integrados a identidade de seu país, com uma linguagem demarcada pela transmissão e preservação da diferença e alteridade.

O CONFRONTO DO PODER DAS LÍNGUAS

Mia Couto evoca também para a sua linguagem a ideia de tradução estrangeirizadora defendida por Lawrence Venuti (1995), ao incluir a utilização de formas linguísticas que se distanciam do português padrão, em benefício do uso de um português que convive com a fala do povo moçambicano. A estrangeirização constitui um espaço no qual o autor transforma o texto de sua língua materna em outro texto carregado de familiaridades das histórias culturais das línguas envolvidas. Portanto, pode-se dizer que a estratégia tradutória estrangeirizadora foi realmente empregada no romance **Terra sonâmbula**. O texto cou-tista, pode ser percebido como tradução por meio das escolhas feitas pelo autor, preocupado em manter a diferença da língua oral na língua escrita, caracterizando bem a miscigenação encontrada em um texto estrangeirizador. Desse modo, Mia Couto integra a proposta estrangeirizadora do teórico da tradução Venuti de desenvolver estratégias que resistam aos valores culturais dominantes, neste caso, a língua portuguesa, ou seja, mesclando as formas lexicais, rítmicas e de usos pragmáticos das línguas autóctones a língua portuguesa. Esse modo de escrita, no que diz respeito à mediação executada pelo autor-tradutor, contribui para que a descolonização literária não fique nas mãos do colonizador e provoque mudanças, articule a literatura africana de língua portuguesa como lugar para se inserir, recriar, transcriar, traduzir as formas e os conteúdos da oralidade das línguas autóctones.

O emprego das estratégias da tradução utilizadas por alguns escritores euro-africanos não é uma descoberta nova segundo Adejare (1998). Há autores que consideram seus escritos como verdadeiras traduções, pois acreditam que, ao transporem suas ideias, seus pensamentos, todas as suas experiências africanas para a língua europeia estejam produzindo literatura africana. Vários deles discorrem sobre suas atividades literárias como ato tradutório. Gabriel Okara, escritor africano de língua inglesa, expressa-se afirmando:

“As a writer Who believes in the utilization of African ideas, African philosophy and African folklore and imagery to the fullest extent possible, I am of the opinion the only way to use them effectively is to translate them almost literally from the African language native to the writer into whatever European language he is using as medium of expression. I have endeavoured in my words to keep as close as possible to the vernacular expressions. For, from a word, a group of words, a sentence and even a name in any African language, one can glean the social norms, attitudes and values of a people.

In order to capture the vivid images of African speech, I had to eschew the habit of expressing my thoughts first in English. It was difficult at first, but I had to study each Ijaw expression I used and to discover the probable situation in which it was used in order to bring out the nearest meaning in English. I found it a fascinating excercises.”

Como um escritor que acredita na utilização de ideias, filosofia e do folclore africanos e imagem africanas da mais completa extensão possível. Sou da opinião de que o único modo de usá-las efetivamente é traduzi-las quase que literalmente da língua nativa africana para qualquer que seja a língua europeia que o escritor estiver usando como meio de expressão. Sou partidário da tradução literal, ou seja, que o escritor deve colocar todo o seu esforço para ficar o mais perto possível das expressões vernáculas, as quais podem ser associadas as normas sociais, atitudes e valores de um povo.

Para captar as imagens vívidas da fala africana, acredito que teria de abster do hábito de expressar meus pensamentos primeiro em inglês. Foi difícil no início, mas aprendi. Eu tive que estudar cada expressão da língua Ijaw e descobrir uma situação mais provável para qual ela acostumava ser usada a fim de apreender o significado mais próximo do inglês. Acho um exercício fascinante. (Okara *apud* Thiong’o, 1986, p.8, tradução da autora)¹.

Essa posição se dá também com outros escritores de literatura africana de língua portuguesa, que desenvolvem várias estratégias criativas

nos seus discursos literários pós-coloniais para reescrever seu país e se fazerem ouvir, pois sabem que, se suas culturas estiverem inseridas em um texto reescrito em línguas majoritárias, ficará fácil ao mundo ouvir a voz de seus países. As obras literárias afro-portuguesa deixam evidente a construção linguística diferenciada das normas de Portugal ao apresentar marcas de relação entre as duas culturas.

Terra sonâmbula se apresenta aqui como exemplo para se estudar a escrita do ato tradutório pós-colonial de Mia Couto, pois essa obra confirma o acordo cultural das literaturas africanas de língua portuguesa e aperfeiçoa uma originalidade na recriação dos dois universos culturais: o europeu, com a escrita, e o africano que, por meio da escrita, transporta a ancestralidade e as formas orais. Nessa obra, Mia Couto reforça o desejo de integrar os diferentes grupos de línguas bantu no sistema da língua portuguesa e mesmo no sistema internacional, ou seja, na cultura mundial. Para isso, o autor recorre a uma série de estratégias de inovações lexicais, morfossintaxe e retóricas as quais criam em seu texto artístico uma nova forma para dialogar com a sociedade moçambicana e a língua portuguesa, revelando, assim, sua capacidade de traduzir os dois universos euro-africanos. Esses dispositivos discursivos que traduzem os significados referenciais e sociais representam o conteúdo de miscigenação do país em que está inserido. A ideia da tradução interlingual de caráter estrangeirizadora, ao estilo de Venu-ti, implica recursos usados como uma resistência cultural à imposição ocidental. Nessa mesma linha de ideias estrangeirizadoras, encontra-se Mia Couto, com uma série de recursos para produzir uma língua oral escrita, que preencha a *origem cultural da* fala. Para dar início à investigação das estratégias tradutórias, tem-se nos trechos abaixo da obra **Terra sonâmbula** as inovações lexicais, ou seja, a inserção de palavras ou expressão das línguas autóctones:

Parece todos as sombras desceram à terra. O medo passeia seus chifres no peito do menino que se deita, enroscado como um 'congolote'. O 'Machimbombo' se rende à quietude, tudo é silêncio taciturno. (COUTO, 2007, p. 13)

Escuta, Kindzu: sabes quem te guiou até aqui? Não acreditas nos 'Xipocos'? Pois eu sou da família dos 'xipocos'. Me ensinaram a apagar essa parte de mim, crenças que alimentam nossas antigas raças. (COUTO, 2007, p. 83)

O valor dos elementos lexicais mantidos nas línguas bantu na obra **Terra sonâmbula** estão relacionados ao alimento, as crenças, a natureza, os animais, as árvores, e outras questões cruciais da existência. Portanto, congolote, xipocos, machimbombo são vocábulos marcadamente moçambicanos. Esses elementos hábeis não prejudicam o entendimento, mas chamam atenção do leitor por serem diferentes, por exprimir sentidos que só são possíveis pelo uso deles. Nesse recurso, Mia Couto entrelaça o universo da cultura moçambicana na sua tarefa de autor/tradutor das diferenças contrárias ao ponto de vista da cultura colonizada. Tal estratégia serve também para o desenvolvimento dos vocábulos das línguas autóctones e para induzir o seu povo ostentar a identidade moçambicana. Enfim, a introdução dos léxicos das línguas

bantu no texto coutista é uma forma de tornar o ato tradutório mais visível. E pensando em não deixar nenhum problema de recepção para seus leitores, o autor/tradutor oferece um glossário no final do romance. Tal recurso é interpretado como parte do ato tradutório, uma vez que as palavras e seus sentidos são muito valorizados no registro lexicográfico do escritor.

Sabe-se que o escritor pós-colonial inscreve-se em uma situação que convivem diversos universos linguísticos e que de imediato não se pretende combater o modelo colonial, mas, ao criar uma situação de *co-existência*, desenvolve opções formais intencionais, reforçando a oralidade como subversão da língua escrita. Além de procurar legitimar-se no cenário mundial literário a obra, a um conjunto sociocultural, enraizado em um território, com tradições próprias. Nesse sentido, encontra-se Mia couto convivendo com o imaginário de línguas que se entrecruzam, com um espaço perfeito para que as palavras ou expressões das línguas europeias possam adquirir valores diferentes dos originais. O escritor, então, não apenas traduz para o seu texto a importância das palavras das línguas bantu, mas, também, a linguagem falada que reflete novos valores adquiridos pelas palavras originais do português. Observe as palavras, no trecho de **Terra sonâmbula**, como resultado da alteração semântica, feita, não só no romance, mas também pelo povo de Moçambique:

- Nós tendo-lhe pena e, afinal, a velha cheia da mola! Romão bateu na parede: sim, a maldita estava podre de rica. A dúvida que permanecia era se ela estava mesmo esmiolada, na posse de suas plenas fraquezas? Porque havia que a convencer a assinar uns cheques, movimentar as massas de bons modos. (COUTO, 2007, p. 167)

Palavraram muita coisa sobre o estado de saúde do falecido mas eu já não lhes prestava atenção. (COUTO, 2007, p.30)

Pode-se perceber que o autor leva em conta seu público leitor, uma vez que os elementos de mudanças semânticas são traduzidos no próprio texto por meio da interpretação que outro personagem faz. A expressão “cheia de mola” é traduzida dentro do próprio texto por Romão, quando diz que a velha estava “podre de rica”. Já o desenvolvimento de uma palavra em verbo, procedimento comum, tem-se como exemplo, o vocábulo “palavra”, que foi generalizado e usado de acordo com uma regra geral de transformação de substantivo em verbo, muito comum no português de Moçambique e do Brasil, porém pouco empregada na língua oficial do colonizador. Contudo, Fernando Pessoa chegou a usar o vocábulo “palavra” como verbo na sua linguagem poética. Esses tipos de alteração semântica destoam e soam diferentes, causando um estranhamento, porém como caracteriza a fala oral, torna-se um dos esforços do autor/tradutor que se empenha em buscar na cultura oral esse tipo de violação do código normal da língua escrita e traduzi-lo para seu texto.

Em **Terra sonâmbula**, a língua é um dos processos escolhidos pelo autor para traduzir a mundividência mítica, as marcas culturais da oralidade da sociedade tradicional. E esse processo, chamado aqui como ato tradutório, reconhece outra estratégia na questão do léxico. É a transposição dos prefixos. As línguas bantu são aglutinantes, não há

desinências, um afixo tem um significado. Portanto, os prefixos são características marcantes e Mia Couto, como conhecedor das línguas bantu, traduz para sua escrita literária mais essa estratégia de tradução da realidade cultural colonizada, nas seguintes passagens:

Na savana em volta, apenas os embondeiros contemplam o mundo a “desflorir.” (COUTO, 2007, p. 9)

Quais pássaros?
- Você não lhes viu, “esvoando” por aí?
Muidinga não lembra ter avistado nenhuma ave. ”(COUTO, 2007, p. 175)

Quando os olhos dela me chegaram recuei em tais boquiaberturas, de “abismaravilhado”. (COUTO, 2007, p. 108)

Ao registrar as novas formas lexicais do falar moçambicano como desflorir, esvoando, abismaravilhado na língua portuguesa, o autor está construindo representações de uma tradução interlíngua. As estratégias tradutórias podem ultrapassar o plano lexical, e Mia Couto conscientemente evidencia outras decisões de escolhas do ato de traduzir como: a estrutura, o ritmo e os usos pragmáticos das línguas autóctones para o discurso escrito em língua portuguesa, dizendo:

Esse o problema. Havia dinheiro, fora e dentro. Bastante, mais até que bastante. Mas do falecimento em diante, tudo passara para o nome de Virginia, a tonta viuvinha. Estevão Jonas lançou a risada. (COUTO, 2007, p. 167)

Tal técnica foi intitulada de relexificação por Chantal Zabus (1991), professor de literatura pós-colonial, como mais uma estratégia da descolonização e da valorização de combinações para que se mantivessem a imagem e o tom da literatura africana de língua portuguesa. Importa notar que tal procedimento, utilizado desde o século XIX, era conhecido como processo de adaptação/ negociação, empregado como estratégia de tradução para recuperar a fala oral com relação à escrita. Assim, vários escritores de literatura pós-colonial recorrem à estrutura e aos ritmos considerados africanos para acrescentar uma formação moderna aos seus escritos.

Outro traço significativo na formação da moderna literatura pós-colonial é a estratégia de tradução intraliterária, a qual reflete a riqueza multilíngua do contexto, sem abandonar o uso do português. Pode-se ver no trecho que retrata quando Muidinga e Tuahir foram apanhados em uma rede de pescaria por um velho que:

Encara os prisioneiros com um só olho enquanto fala na língua local. Tuahir traduz:

- Ele diz que nos vai semear. (COUTO, 2007, p. 65)

Muidinga, então, se excede. Grita. O velho aldeão se atenta para escutar, através da tradução de Tuahir. (COUTO, 2007, p. 67)

Todos esses tipos de recursos que retêm os elementos formais das línguas bantu na língua portuguesa fazem com que o texto se apresente diferente e estranho, porém sem deixar de registrar a importante relevância para a expansão do horizonte da língua portuguesa. As técnicas de tradução apresentadas, além de poderem proporcionar um diálogo entre vozes antagônicas, entre os dois mundos de diferenciação linguística e cultural, criam um espaço que faz surgir uma identidade própria da sociedade africana moçambicana, possuidora de novos sistemas. Essa nova realidade de integração das línguas autóctones e portuguesa na escrita se adapta como verdadeiras traduções. Pode-se dizer que tal procedimento se assemelha ao que Homi Bhabha (1998) chama de terceiro espaço, lugar em que o significado surge da relação entre as culturas, neste caso, a cultura de origem africana e a cultura de origem portuguesa, ou seja, lugar comum das culturas. Dizer isso corresponde também ao conceito de tradução que afirma a densidade de uma língua e cultura dominada ser capaz de se inscreverem nos espaços discursivos dominantes e manterem a tensão e estranheza entre os contextos de partida e de chegada. Portanto, o que se pôde ver é que autores transculturadores como Mia Couto desenvolveram a criação de sua obra **Terra sonâmbula** por meio de várias estratégias tradutórias, resultante da interação das várias culturas e línguas do grupo bantu com a língua portuguesa. Assim cria uma oportunidade para se visualizar esse tipo de inserção com algo a ser exaltado para as culturas orais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao falar de literatura africana de língua portuguesa, torna-se difícil não associá-la à teoria de tradução literária que envolve a apropriação do outro. O texto de Mia Couto trabalhado aqui como representação da teoria da tradução leva-se a reconhecer a aceitabilidade da língua portuguesa em relação ao novo contexto, pois acaba inscrevendo seus elementos linguísticos a fala do outro. Isso faz com que o texto da língua português não seja mais visto como a língua do colonizador, mas a recriação, criação paralela da imagem da língua do escritor e do seu povo.

Neste estudo da obra **Terra sonâmbula**, verificou-se que Mia Couto apresenta para o leitor o tom de estranhamento proveniente de outras origens, diferentes da cultura e língua portuguesa. Desse modo, ele declara a valorização do outro, rompe com as formas de discurso e do pensamento do colonizador. Cria uma linguagem demarcada não como a língua da metrópole nem da colônia, mas como uma língua de Moçambique.

Com efeito, pensa-se que nada impede um campo tão interdisciplinar dos Estudos da tradução seja amplamente associado ao trabalho de escrita do autor como um entendimento da transformação da língua portuguesa em uma nova e diferente língua. Por conseguinte, Mia Couto, ao problematizar o papel das línguas autóctones na língua portuguesa, o faz por meio de uma série de estratégia da tradução, as quais transmitiram a complexidade da oralidade na escrita, e que terminam amenizando a questão do poder entre colonizado e colonizador nesta sua obra em estudo.

ABSTRACT

The aims of this study is to address the act of translating in *Terra sonâmbula* and analyze the strategies that the writer of African literature in Portuguese, Mia Couto appealed to rewrite the reality of the Portuguese language in Mozambique. It considers the change of position of the Portuguese language, colonial language, to the language of Mozambique through the translation process in the social and cultural context of the people. The study also considers the discourse of some translation theorists by presenting the same features as those used by the author in transposing the Bantu languages into the system of the Portuguese language.

Keywords: Mozambiquen literature; Mia Couto; *Terra sonâmbula*; Translation theory; Orality.

REFERÊNCIAS

- ADEJARE, Oluwole. **Translation: a distinctive feature of African literature in English**. In: EPSTEIN, Edmund L.; KOLE, Robert. *The language of Africa literature*. Trenton, NJ: Africa world Press, 1998. p. 19-38.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- CATFORD, John Cunninson. **Uma teoria linguística da tradução**. Tradução do Centro de Especialização de Tradutores de Inglês do Instituto de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. São Paulo: Cultrix, 1965.
- COUTO, Mia. **Terra sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. In: JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Bikstein e José Paes. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- MILTON, John. **Tradução: teoria e prática**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- THIONG 'O, Ngugi Wa. **Decolonizing the mind: The politics of language in African literature**. Heinemann: Portsmouth (NH), 1986.
- VENUTI, Lawrence. **The translator's invisibility: a history of translation**. London & New York: Routledge, 1995.
- ZABUS, Chantal. **The African palimpsest: indigenization of language in the West African Europhone Novel**. Amsterdam and Atlanta, Rodopi. 1991.